

CVX-U | MATERIAL DE FORMAÇÃO

1º ANO

INTRODUÇÃO

Este material foi desenvolvido pela CVX de Portugal como programa de formação da CVX Universitária (CVX-U).

A CVX-U surgiu em Lisboa (Portugal) em 2005, atendendo ao desejo de estudantes universitários que buscavam um caminho que os ajudassem a estruturar uma vida de oração e crescimento espiritual seguindo os métodos inicianos. Imaginando que esse caminho pudesse ser adaptado da CVX, aqueles jovens desejavam aprofundar sua experiência cristã e preparar suas escolhas de vida através da prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Por isso, desde seu início a CVX-U tem uma orientação marcadamente vocacional.

O método adotado para a CVX-U prevê um roteiro de 3 anos de formação, quando, ao final daqueles, o grupo poderá fazer sua adesão à CVX.

O roteiro de reuniões apresentado neste compêndio refere-se ao **1º ano de formação** e traz um conjunto de **14 encontros** preparados sobre o tema **EU, DEUS E O MUNDO**.

Apresentar-se com uma folha A4

- A primeira reunião deve ser essencialmente para uma apresentação de cada membro do grupo.

- Para isso, uma forma possível – que tem que ser pedida a todos antes da reunião – é que

- cada um traga uma **folha A4** preenchida (com esquemas, desenhos, colagens, maquetas, recortes, palavras, números, música ao vivo, hieróglifos, hologramas, mapas do DNA próprio, a certidão de nascimento em linguagem binária, uma carta de recomendação do Papa... o que conseguirem imaginar).
- **Tópicos** que seria bom comunicar: quem sou, o que faço, genericamente qual tem sido o meu percurso de fé, por que vim para a CVX-U, projectos, sonhos, ideais... e qualquer outra coisa que seja relevante para os outros me comecem a conhecer.

Paragem: escutar o silêncio

- A CVX convida a aprofundar a vida espiritual e a partilhá-la nas reuniões. Estas não são sessões de discussão de ideias, mas partilha de vida, vida experimentada por dentro. Preciso de aprender, por isso, a dar atenção à minha vida interior – onde eu e Deus se encontram e se tocam.

- O objectivo primordial da CVX é a integração da acção com a oração, da fé e da vida. Preciso de provar, portanto, que Deus está presente nas coisas do meu dia-a-dia, à minha volta e, sobretudo, dentro de mim, nos meus sentimentos e estados de alma.

- Esta primeira proposta destina-se a começar a criar hábitos de atenção à vida espiritual, aprender a olhar para dentro e escutar, escutar e ver..., ver e escutar... o meu íntimo.

- É um hábito essencial para fazer caminho na CVX. Um hábito que preciso de adquirir pelo exercício repetido.

Aqui vai uma historinha inspiradora:

«- Que é que aprendes nesta vida de silêncio? – perguntou um visitante a um monge de clausura.
O monge, que estava tirando água de um poço, respondeu-lhe:
- Olha para o fundo do poço. Que é vês?
O homem debruçou-se sobre a boca do poço.
- Não vejo nada.
O monge permaneceu imperturbável e passado um momento disse de novo ao visitante:
- Olha agora. Que vês?
O visitante obedeceu.
- Agora vejo-me a mim mesmo reflectido na água.
Então o monge explicou:
- Viste? Quando desço o balde ao poço, a água agita-se. Agora a água está calma. É esta a experiência do silêncio: a pessoa descobre-se a si mesma!»

TPC:

1. **Cada dia, fazer 10 seguidos minutos de silêncio, em que procuro não deixar que nada me distraia e olho só para dentro de mim: que vejo? Que sentimentos? Que desejos? Que ambiente interior?**
2. **Arranjar um caderno e, no final dos 10 minutos, tomar nota (todos os dias) do que vi de mais importante (sem me preocupar em querer perceber o que significa – registar só!).**
3. **Na próxima reunião, partilhar o que foi a minha experiência: que dificuldades tive em fazer silêncio, que truques usei, o que descobri...**

Ajudas

- É crucial encontrar um sítio adequado, onde haja silêncio exterior e eu não seja perturbado durante o tempo (não esquecer de desligar o telemóvel!!).
- Não me deixar frustrar com as distrações; quando reparo que me distraí, volto suavemente ao que estava a fazer.
- Para apoiar a concentração, pode ajudar fixar o olhar, por exemplo, na chama duma vela, ou numa imagem que me serene.
- Uma sugestão mais imaginativa, se preferirem, para guiar os 10 minutos de silêncio:
 - *Se o meu interior fosse uma casa, como a descreveria neste momento? Que luz? Que cores? Que temperatura? Que ambiente? O que vejo mais arrumado e mais desarrumado? Onde me sinto nela confortável? Ou desconfortável?*

O Exame Inaciano ou Revisão de Vida

- O Exame tem sido sempre a ferramenta fundamental e a mais frutífera na experiência de quem procura seguir o caminho inaciano e, portanto, também da CVX.

- É “lendo” a minha experiência que vou encontrando a Deus na minha vida. Só criando hábitos regulares de fazer esta “leitura” descubro a profundidade da minha vida, escondida, por vezes, nas coisas mais banais.

- Consiste numa prática habitual de revisão de cada dia, para não viver a vida distraído, mas tomando consciência e reconhecendo os movimentos no mais profundo de mim, onde Deus continuamente me fala.

- É um hábito essencial para fazer caminho na CVX. Um hábito que preciso de adquirir pelo exercício repetido.

TPC:

1. **Fazer o exame todos os dias.**
2. **Ir tomando nota do que vou descobrindo.**
3. **Na próxima reunião, partilhar o que foi a minha experiência: dificuldades, o que aprendi, que frutos fui encontrando no dia-a-dia.**

Na outra página, vai uma proposta desenvolvida para fazer o Exame, seguindo as indicações dum guião muito detalhado. Pode servir para perceber como se faz, para aprender a técnica.

Já a seguir, um sumário dos 5 pontos para servirem de guia indicador para o exercício habitual quotidiano (que não precisa de mais que 10/15 mn), depois de já ter percebido como se faz.

Os 5 pontos do Exame

1. Pôr-me em atitude de *agradecimento*: reconhecer que tudo me vem de Deus – eu próprio, a minha vida e tudo o que ela traz, tudo o que experimentei neste dia.

2. *Pedir luz* para rever o meu dia com o olhar de Deus, para ver e aceitar tudo como Ele vê e aceita.

3. *Rever o dia*, repassando os tempos, os lugares, os acontecimentos: como foi o tom geral? Como me senti? Que factos marcantes aconteceram e como reagi a eles? Que movimentos fortes me tomaram durante o dia: alegria, tristeza, paz, raiva...? Ligados a quê? Como foi a minha resposta à vida: aos desafios, às surpresas, aos outros...? Onde é que Deus se fez presente e como lhe respondi? Ver, reconhecer, recolher.

4. Tomar consciência do que ficou aquém do que desejo, o que podia ter sido melhor, onde a minha resposta foi pouco generosa ou determinada por motivações que não me dão paz e felicidade. Pedir a Deus *ajuda para corrigir* estas atitudes.

5. Dispor-me para o dia de amanhã com confiança e *desejo de fazer melhor*, dizendo sim àquilo a que Deus me desafia.

Textos Bíblicos

Marcos 6: 30-32

Os Apóstolos reuniram-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. Disse-lhes, então: «Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco.» Porque eram tantos os que iam e vinham, que nem tinham tempo para comer. Foram, pois, no barco, para um lugar isolado, sem mais ninguém.

Salmo 139

²³ Examina-me, SENHOR, e vê o meu coração;

põe-me à prova para saber os meus pensamentos.

²⁴ Vê se é errado o meu caminho

e guia-me pelo caminho eterno.

Um exercício de Exame Inaciano guiado

“Exercícios Espirituais para se vencer a si mesmo e ordenar a sua vida sem se determinar por afeição alguma que seja desordenada [Ees 21]”. O Exame aparece como um instrumento privilegiadíssimo para isto: vou-me descobrindo a mim próprio, nos meus padrões de comportamento, vou clarificando onde estão as minhas afeições desordenadas e onde se notam já gestos de liberdade diante das coisas e do mundo. À medida que evoluo neste exercício orante diário, de olhar para as minhas acções e clarificando as minhas motivações mais profundas, vou deixando de ser um desconhecido para mim próprio. Posso descobrir onde Deus age em mim com mais intensidade e com mais fruto, e assim saber que caminhos e situações posso e devo seguir para me aproximar mais Dele e de que caminhos me devo afastar porque me afastam Dele.

Pensar neste exercício como um filme: estou no cinema e o filme que vou ver hoje é “Um dia na vida de...”. Ver as cenas a correrem umas atrás das outras, umas com mais luz, outras com menos; rostos que vi, palavras que ouvi e me ficaram a ressoar, cheiros e gostos que saboreei. Deixar-me ir...

Mas este é um filme que eu vejo com companhia – muito boa companhia! Há alguém que me segura na mão, há alguém que tem o braço pelos meus ombros: não estou sozinho. Sinto-me acompanhado.

Exame Inaciano adaptado

1. Recordo que estou na presença de Deus

Começo por recordar que estou na presença de Deus. Saboreio por um momento esta presença que dá vida ao meu corpo, ao meu espírito, ao meu coração, a toda a minha vida.

2. Dou graças por tanto bem recebido

Trago à memória os dons e as graças habituais da minha vida de que hoje usufruí mais uma vez. Primeiro, as coisas concretas que alegraram o meu dia.

Trago à memória outras graças, mais profundas e menos evidentes: atitudes de perseverança diante de dificuldades; clareza de espírito para tomar a decisão acertada... - tudo o que permite assumir a responsabilidade pela minha vida.

Vou caindo na conta de que Deus me ofereceu tudo isto, hoje, mais uma vez, como um presente para me ajudar a fazer o caminho de descoberta de mim, do meu lugar no mundo, daquilo que posso ser para outros.

3. Peço luz para ver melhor

À medida que a teia dos gestos do meu dia se torna clara, sinto que preciso de ver melhor tudo isto, é como se desejasse conhecer melhor esta personagem do “Filme do meu dia” que sou eu próprio. Preciso da luz do Espírito Santo para isso; preciso dela

para me olhar com honestidade e com paciência. Só o Espírito me permite ver com liberdade como se vai construindo a história da minha vida. Só o Espírito me ajuda a ver-me sem condenações precipitadas ou demasiada complacência e assim me estimula a crescer. Peço ao Espírito luz para ver melhor.

4. Examino o meu dia

Relembrada a sequência do dia e os acontecimentos mais importantes, agora preciso de me descobrir a mim neste filme, preciso intuir as minhas próprias motivações em cada um desses acontecimentos. Em que me envolvi mais emocionalmente hoje? Quem, o quê, mexeu mais comigo? O que me perturbou e o que me fez sentir acolhido? O que me levou a pensar ou dizer certa coisa? Revejo as minhas esperanças e as minhas hesitações.

Várias destas situações mostram-me que o meu coração está dividido – balança entre desejos opostos, entre os meus desejos e os dos outros; oscilo entre desejar ouvir ou ignorar pura e simplesmente; entre ajudar alguém ou não ligar nenhuma; entre estar aqui agora e partir imediatamente; oscilo entre o silêncio e as palavras.

Noto aquelas situações em que agi com toda a liberdade – em que me senti eu – e aquelas em que me deixei ir forçado, sem liberdade, sem capacidade de reacção.

Descubro as situações em que Deus se fez presente e aquelas em que Cristo influenciou a minha decisão. Procuo que oportunidades de crescimento na fé, na esperança e na caridade se me ofereceram hoje e a forma como respondi. Que me levou a agir do modo que agi?

5. Peço perdão e faço um propósito

Agora que reví o meu dia, olho para mim como Deus olha – com compaixão, com imenso amor, com imensa ternura – e começo por reconhecer a necessidade que tenho de O ter na minha vida, pelo bem que me fazem todas as Suas manifestações de carinho por mim. Por isso, sinto que preciso de assumir por dentro, para mim, todas essas vezes do dia em que agi sem me lembrar Dele, todas essas situações em que não deixei que Ele estivesse, em que a Sua luz não me iluminou. Por que aspecto concreto de mudança pode passar, no dia de amanhã, uma maior ordenação da minha vida? Comprometo-me a isso.

Agradeço as graças de Deus no dia de hoje, e, muito em particular, dou graças por todas as vezes em que respondi de uma forma que tornou a Sua presença mais clara na minha vida. São estes gestos de perdão e de gratidão que me ajudam a crescer no meu conhecimento de Deus, que me ajudam a ver melhor a forma como Ele trabalha incansavelmente a minha vida para me fazer plenamente feliz.

[PAI NOSSO]

Exercício de Autoconhecimento

Porquê o exercício de autoconhecimento nesta altura?

Agora, que chegámos, que nos apresentámos, que aprendemos a parar e (re)ver, Como olhamos para nós próprios?

Aceitamo-nos com tudo o que temos e, necessariamente, tudo o que não temos?

Percebemos que só aceitando tudo o que somos poderemos “inclinarmos o nosso copo” e dar de beber aos outros?

É necessário conhecer profundamente aquilo que somos e potenciá-lo, pois só assim poderemos trabalhar com Jesus na construção do Reino! Tentando ser aquilo que não somos, entramos num problema de “comunicação” na nossa relação com Deus, pois Ele ama-nos pelo que somos e não pelo que seríamos se...

TPC:

Procurar um lugar calmo, onde possa sentir-me bem e dispor-me a olhar para dentro de mim.

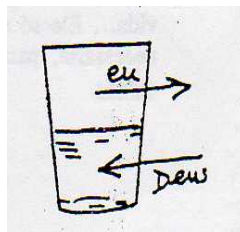
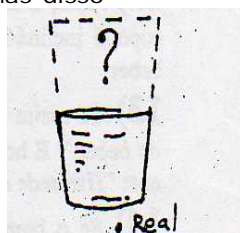
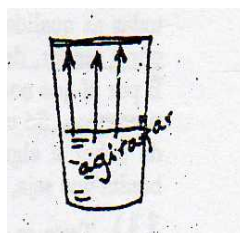
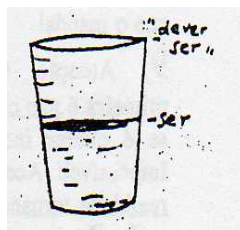
Explorar os meus espaços interiores e procurar ver-me tal como sou e como estou, o mais objectivamente possível.

1. Fazer um inventário descritivo da minha pessoa, utilizando uma linguagem precisa e não pejorativa, caracterizando-me a mim próprio nas áreas indicadas.
2. Voltar a ler a lista e assinalar aquilo que mais me custa aceitar em cada área. Procurar fazê-lo com toda a sinceridade.
3. Falar com Deus acerca disto e pedir-Lhe ajuda para aceitar aquilo que me custa, em mim. Pedir-Lhe que Ele me ajude a ver-me como Ele me vê.

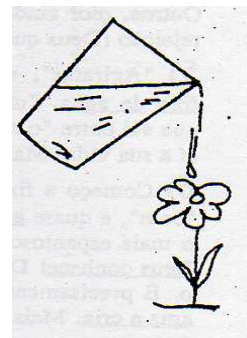
	PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
CORPO (aspecto físico, saúde, etc)		
CAPACIDADE INTELLECTUAL (estudo/trabalho)		
PERSONALIDADE (maneira de ser, feitio, etc)		
SENTIMENTOS E EMOÇÕES (Habituais maneiras de reagir, etc)		
ERROS E FALHAS do passado, coisas de que me arrependo, fracassos, etc.		

Texto de apoio: **“O copo de água”**

1. Olho para um copo de água. O copo sou eu: como me vejo? Meio cheio ou meio vazio? E daí?
2. Nesses testes que às vezes fazemos por brincadeira, se a pessoa vê um copo “meio-cheio”, dizemos que é um optimista; se diz “está meio-vazio”, é um pessimista. Pessimista ou Optimista, a verdade é que, mesmo quando dizemos “cheio até meio”, não podemos evitar a sensação de algo incompleto, um “não sei quê” que não devia ser assim.
3. Todos gostamos de nos ver um “copo cheio”...E não devia ser mesmo assim? Olhamos com tristeza para a nossa aguazita, pouca, e ainda por cima com impurezas...e pensamos: eu até já tinha obrigação de ser melhor; com a idade que tenho já devia ser isto e mais aquilo...Ai se eu fosse...
4. E o pior é que este “deve ser” se torna, muitas vezes, uma fonte de conflitos. É como um tecto opressor, uma meta desejada mas inatingível, um “super-ego”. Então vá, cada um, de começar a “agirafar”! Isto é, a esticar o pescoço para lá chegar, a fazer-me o que não sou, a impor-me teorias, a não conseguir, a desanimar. Começo a olhar-me, na minha própria água, com pena, primero; depois com desânimo; e irritação, por fim. Outros, ainda pior, juntam-lhe culpabilidade, desespero e auto-rejeição (Deus queira que não!).
5. “Agirafar”, esticar...e nada. Viver saltando, como peixe fora de água, “não dá”! Falta-nos o ar agitando-nos no espaço que vai entre “o que se é” e “o que se devia ser”. Alguns passam aí a sua vida. Mas disso só resulta cansaço.
6. Começo a fixar e a absolutizar esse vazio que desejo como “bem”, e quase esqueço a Realidade que sou: essa aguazita. Ora, o mais espantoso é que toda essa parte do copo, o vazio, nem Deus conhece! Deus conhece aquilo que ama. E o que ama cria-o. É precisamente essa realidade que ando a desprezar que Ele ama e cria. Mais, é por ela que Ele dá a Sua vida.
7. Que desencontro, que diálogo de surdos: eu falo dessa parte superior do copo, Ele fala-me e dirige-Se àquilo que sou e que Ele ama...Quantos problemas de oração, quantos falhanços em relações humanas, não vêm deste desacerto com o Real, desta falta de aceitação que gera o desencontro...comigo mesmo, com Deus e com os outros.



8. Querem então dizer-me que eu tenho de aceitar essa pequenez, essa aguazita suja, com vermes e tudo? Quer-se então dizer que não devemos querer ser perfeitos? Mas, é o Evangelho que o manda!
9. Atenção! Cabem aqui duas distinções importantes. A primeira é não confundir Resignação com Aceitação. Resignar-se é querer integrar na vida o negativo enquanto negativo: Impossível! Aceitação é o processo de ver e tomar a própria realidade tornando-a positiva e descobrindo a sua capacidade de se desenvolver. Só isto é verdadeiramente cristão e humano.
10. A segunda distinção é quanto à Perfeição. Esta não se pode confundir com Perfeccionismo. Repare-se: S. Mateus diz “Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito” (Mt 5, 48); mas S. Lucas prefere: “Sede misericordiosos como...” (Lc 6, 36). É que a Perfeição do Pai é o amor: é “dar tudo” (e dar-se) e não é “ter todas as qualidades e mais uma”. E, então, a nossa perfeição é pôr a render, desenvolver, tudo quanto temos e somos, amando. É aí que nos tornamos semelhantes a Deus; e não por esticar o pescoço. Só com a nossa água, mesmo pouca e suja, daremos de beber a alguém. Com a parte de cima do copo, por mais bonita que seja, não mataremos a sede a ninguém.
11. Trata-se, pois, de apreciar o que sou. E pôr a render, mesmo que ao princípio me pareça pouco e sem valor. É a Parábola dos Talentos.
12. Aliás, a única maneira de fazer chegar a água ao cimo do copo é incliná-lo, cuidadosamente, para o outro, e dar-lhe de beber.
13. Só assim se entende que Jesus diga à Samaritana: “Dá-me de beber”. E hoje, pela boca de tantos irmãos, continua a pedir-nos: “Tive sede e deste-Me de beber...”.
14. Se o homem da parábola enterra o talento é porque tem uma péssima imagem de Deus e de si próprio: Deus é o que exige o impossível, e eu o inútil, o incapaz! Mas, o nosso Deus não pede dez a quem deu um, não colhe onde não semeou. Não. Posso, de facto, olhar para mim com gosto, e acreditar na vida... Ele só me pede que eu seja Eu-próprio e dá-me a graça necessária, para não me perder com teorias, nem copiar os outros.



Vasco P. Magalhães sj

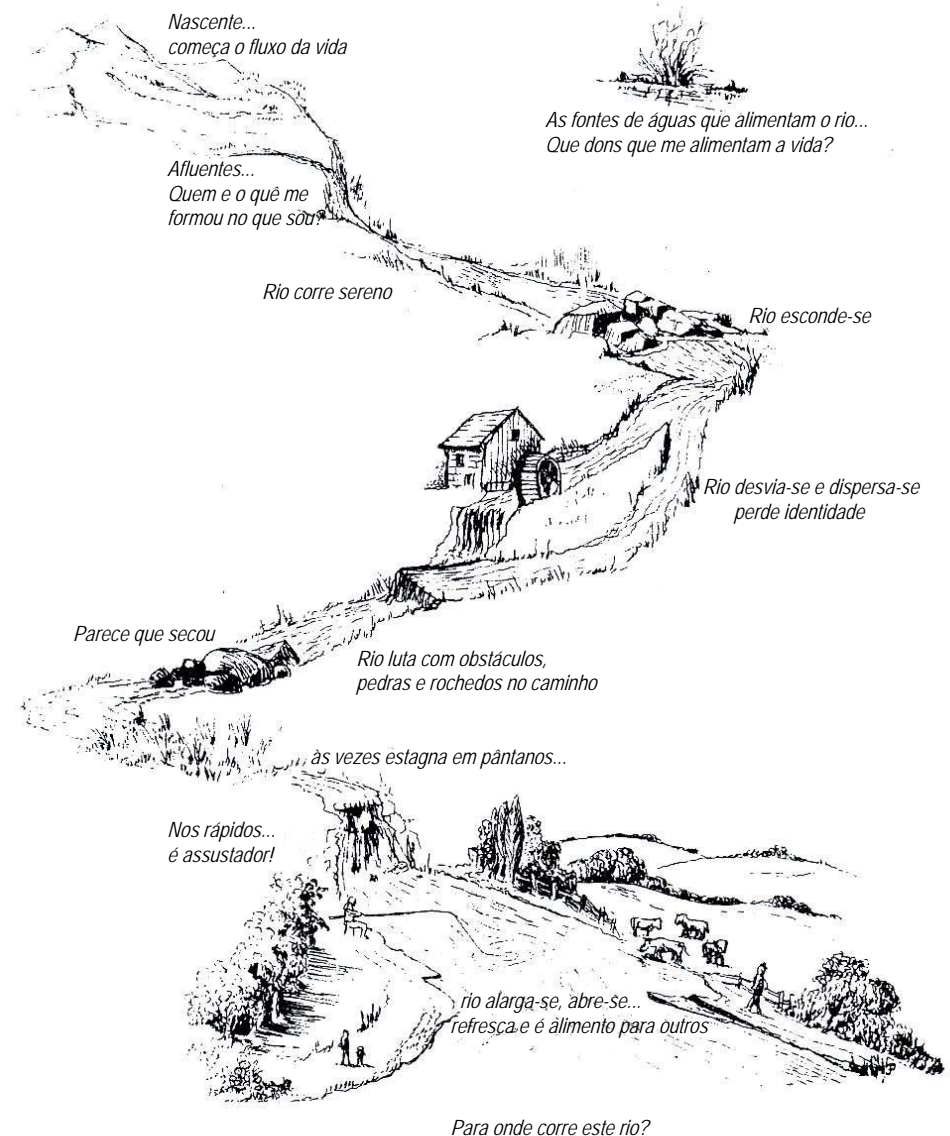
A minha vida é como um rio...

Utilizando a parábola do rio, vou procurar relembrar e ler a história da minha vida. Assim como o rio corre da nascente para a foz, também a minha vida se vai fazendo como caminho:

- sempre motivado por um objectivo último, embora também frequentemente à procura da direcção certa...;
- às vezes em progresso sereno e fácil, outras com turbilhões e obstáculos para galgar...;
- com fases de muitos frutos de alegria e sucesso, e outras onde parece que tudo se desperdiça e desaparece sem rasto...

TPC:

1. Usando o mapa do rio e/ou a meditação com as questões, ir relembrando o trajecto da minha vida, identificando os pontos que correspondem a cada tipo de percurso do rio. Em cada dia centro-me num acontecimento ou fase mais importante, e vou completando o trajecto.
2. Procuo perceber como Deus esteve presente nesse momento ou nessa fase. Como é que Ele se manifestou? Que fez por mim?
3. Falo directamente com Deus sobre esse acontecimento ou essa fase da minha vida: digo-Lhe o que sinto hoje sobre isso e escuto o que Ele tem para me dizer.



MEDITAÇÃO

Sou como um rio que vai ganhando caudal para chegar ao mar

Um rio nasce sempre num ponto algo indefinido, algures no meio da vegetação, entre as rochas. Mas a nascente minúscula transforma-se numa corrente ampla da qual pescadores tiram alimento fértil e à beira da qual árvores frondosas têm as suas raízes para darem folha e fruto no tempo devido.

Olho para trás e penso no percurso que este rio que sou já fez até aqui. Penso no ponto preciso do tempo em que fui “apenas” nascente. Que conheço e valorizo sobre as minhas próprias origens?

O rio condiciona a paisagem onde está inserido mas a paisagem também condiciona o rio. O rio cava o seu próprio leito; a paisagem abre espaço para que a corrente flua mas também lhe resiste. Assim se vão definindo os contornos e o percurso que fazem o rio o rio que ele é.

Em que paisagem tem corrido o rio da minha vida? Que circunstâncias e influências foram e são determinantes para a minha formação enquanto pessoa?

Que tipo de obstáculos e fronteiras tenho enfrentado? Já alguma vez senti que o rio estava a secar, desperdiçando-se? Já senti que o rio da minha vida se estava a perder por entre pântanos?

Que curvas e desvios fez já o meu rio? Senti-me puxado para fora daquilo que sou nesses desvios?

Ao longo do seu trajecto, o rio encontra uma encosta mais inclinada ou uma planície aberta, terrenos propícios ao fluir das águas, terrenos onde as águas correm libertas e se tornam verdadeiramente férteis.

Que coisas na minha vida têm sido para mim fonte de energia e alegria?

Olho para trás e vejo que este rio que sou já correu por muitos espaços diferentes, umas vezes mais rápido, outras mais lento; umas vezes correu em terreno difícil, outras espraçou-se na planície, alimentando terra fértil.

À medida que o meu olhar vagueia pelo percurso deste rio, que marcos e pontos importantes me fazem sentir agradecido?

De que forma e para onde sinto que o meu rio está a correr neste momento? Do mesmo modo que o rio se alarga e ganha caudal à medida que se aproxima do mar, também a minha vida se espraia e aprofunda em direcção àquilo que realmente quero ser no mais fundo de mim. Qual é o mar que procuro?

Posso ir repetindo esta oração:

*Quero agradecer-Te, Senhor,
todo o trajecto que este rio que sou fiz até aqui;
quero agradecer-Te esse ponto escondido onde fui “apenas” nascente;
quero agradecer-Te as veredas escarpadas e as planícies;
quero agradecer-Te os pontos onde a paisagem ajudou a que as águas se unissem
e os pontos onde parecia que elas perdiam força
só para voltar a encontrá-la mais à frente;
quero agradecer-Te as árvores que cresceram à beira das águas
e todas as vistas deslumbrantes que fui tendo ao longo do percurso.*

*Por isso, quero dizer-Te que só faz sentido
Que esta água corra desde que seja para chegar ao mar.*

Para chegar a Ti.

DICAS para articular Exame e TPC

- No dia de hoje, por que tipo de percurso andou o meu rio?
- Como se relacionou com a «paisagem» à volta: regou e alimentou? Escondeu-se subterrâneo? Sustentou pântanos?

Imagens de Deus

- No nosso coração habitam imagens de Deus. Algumas recebemo-las dos outros, outras criamo-las.
- Nenhuma é totalmente verdadeira, porque Deus está muito para além da capacidade do nosso coração.
- Mas algumas são mais falsas que outras, tão falsas que além de ficarem muito aquém do que Deus é, fazem de Deus o que Ele não é – estas são perigosas, porque nos afastam do Deus verdadeiro e perturbam-nos desnecessariamente o coração.
- Precisamos constantemente de verificar e purificar as imagens de Deus que usamos, explícita e, sobretudo, implicitamente...

1. Considera cuidadosamente cada uma das imagens de Deus sugeridas. Em que medida é que algumas delas te afectam?

2. Considera novamente! Certamente que *sabes* que Deus não é assim, mas, *de facto*, não te relacionas às vezes com Ele como se Ele fosse assim...? Ora pensa bem...

1. O Deus como problema intelectual

Quando penso que, antes de mais, tenho que resolver as minhas questões filosóficas: provar que Ele existe, saber explicar tudo sobre Ele... É um perigo – parece que tenho que primeiro compreender Deus, dominá-Lo como se fosse um objecto de investigação. Deus é mistério! Deus não é uma ideia intelectual, é um Deus vivo, Deus de sentimento, de ternura de amor, de relação. Encontramos a Deus primeiro com o nosso coração, e só depois com a nossa mente.

2. O Deus Pai-Natal

O Deus bonacheirão, que dá prendas, que é tão acessível quando tudo corre bem... mas que nos desilude quando as coisas começam a correr mal e, então, faço birra – já não gosto dEle...

3. O Deus bombeiro

Assim é que Ele devia ser – sempre pronto a solucionar (se os pudesse evitar, melhor ainda) todos os meus problemas. O Deus extintor das contrariedades da vida que não sabemos resolver. Às vezes, de Deus, só guardamos o telefone de emergência, 118, a utilizar em caso de exames, acidentes, neuras... E é suposto que Ele responda sempre prontamente...

4. O Deus do medo: juiz, polícia, contabilista...

Se há imagem de Deus de que a Bíblia e Jesus nos querem libertar é esta: a de um Deus do medo, a de um Deus castigador. Uma e outra vez Jesus repete aos seus discípulos: “Não tenham medo!”.

Esta imagem de Deus é a projecção do super ego ou de um espírito mesquinho: um Deus polícia que vigia as nossas infracções (e, como, contabilista, mantém uma ficha de cada um...) e pede contas pelos pequenos prazeres da vida – é um desmancha-prazeres. Um Deus adversário, de que é melhor precavermo-nos... E os sofrimentos, se calhar, são “castigo de Deus”... Imaginamos Deus como um Juiz implacável, quando somos nós mesmos o nosso juiz intransigente. Abba, o Deus “Pai-querido” de Jesus não é o Pai freudiano...

5. O “Deus sem corpo”

O Deus sem corpo é puro Espírito. É o Deus que esqueço que encarnou. Só se pode relacionar com aquilo que é puro, espiritual, luminoso e claro – num ambiente imaculado e todo branco. Tudo o resto, a confusão, a sujeira, isso não se Lhe pode apresentar. É um Deus asséptico, que não me pode ajudar nas coisas mais “mundanas”, carnis, sensuais... Acaba por ser um Deus que não se identifica com aquele que sofre, não conhece a nossa realidade, não é um Deus real.

6. O “Deus sem Espírito”

Por outro lado, Deus sem Espírito é aquele que encarna apenas como instituição e norma. De facto não chega a fazer-se carne mas regra, prescrição, puro dever, sem alma ou ânimo, sem carisma e sem liberdade. Diante de um Deus assim não se pode dançar e muito menos rir. O Sábado era o dia do Senhor para os Judeus, mas Jesus denunciou um sábado que o homem tem de servir em vez de um Sábado que sirva o homem (dia de descanso para apreciar a criação e a companhia de Deus).

7. Deus comerciante, ou máquina automática

Penso que tenho que merecer o que Ele me dá, esquecendo que tudo é graça... Troco sacrifícios por ajudas... (mete moeda, sai coca-cola...) Um Deus com conta-corrente, com deve e haver... Dá o céu em troca

de créditos acumulados, e eu coleciono cupões para depois resgatar. Não há relação pessoal, só negócios.

8. Deus capataz ou treinador implacável

Que me exige sempre mais, que nunca vai estar satisfeito com o que eu lhe der... Se é fácil, Ele não irá gostar... Quer sempre o que me é mais difícil... O implacável dono dos talentos que eu tenho que fazer render, ao máximo!

9. Deus snob

Só se dá com os bons (os perfeitos). Quando faço asneira, Ele não gosta de mim, por isso esconde-me e afasto-me; tenho que me reabilitar primeiro (provar-Lhe que gosto dEle, compensar...) para me voltar a aproximar...

3. Depois de te teres confrontado com algumas imagens de Deus descritas (e, talvez, identificado outras que também te afectam), como descreves a tua imagem de Deus, o Deus que, consciente ou inconscientemente (mais determinante ainda!) projectas diante de ti? Que elementos dessa imagem precisam de ser purificados?

Isto é importante, porque...

Nós somos constantemente tentados a fazer um Deus à nossa imagem e semelhança, a divinizar a nossa estreiteza de vistas e a nossa importância e chamamos a isto a vontade de Deus. Deus é mistério, a Palavra que nos interpela, e Ele chama-nos para lá da estreiteza dos nossos horizontes. A nossa única segurança está no que Ele é, e não no modo como nós imaginamos que Ele é.

(...) Os escritores de espiritualidade aconselham a voltarmos para Deus na oração. Mas Deus pode tornar-se para nós parte da nossa complexidade. Falsas imagens de Deus a actuar dentro de nós podem fazer-nos mais tímidos, exercendo uma rude tirania, que abafa a vida em nós.

Gerard W. Hughes, *O Deus das Surpresas*, pp. 46; 53

4. Partindo do trecho do Evangelho a seguir (e do que mais que sabes), tenta delinear qual seria a imagem de Deus que Jesus tinha e pela qual vivia?

Lc 10, 21-24

Nesse mesmo instante, Jesus estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo e disse:

«Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho houver por bem revelar-lho.»

Voltando-se, depois, para os discípulos, disse-lhes em particular: «Felizes os olhos que vêem o que estais a ver. Porque - digo-vos - muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvís e não o ouviram!»

5. Compara a tua imagem de Deus com a de Jesus

DICAS para articular Exame e TPC

- Revê o teu dia. Quais foram os momentos onde sentiste mais alegria e liberdade? E os que experimentaste com peso, opressão, tristeza?
- Como é que imaginavas Deus em cada um desses momentos?
- Houve algum elemento duma falsa imagem de Deus que contribuiu para te escurecer algum momento?

Conhecer Deus – a oração

- Como vimos ao analisar as nossas imagens de Deus, conhecer Deus na sua verdade não é uma coisa espontânea.
- Precisamos de procurar activamente conhecer Deus.
- E Deus quer dar-se-nos a conhecer. Cria-nos à sua imagem e semelhança para se relacionar connosco, para nos convidar a uma amizade.
- Como em qualquer relação com qualquer pessoa, só o diálogo permite chegar a um conhecimento pessoal, íntimo.
- Só o diálogo com Deus nos permite conhecer Deus (muito mais do que saber coisas acerca de Deus).
- Diálogo é falar e escutar. Se «rezamos» apenas, repetindo fórmulas, falamos muito a Deus... mas ainda não é diálogo. Para este, é preciso «orar», isto é, escutar o que Deus me diz, acolhê-Lo e responder-Lhe.

1. Qual é a tua experiência de «oração»? O que é que já aprendeste sobre como se faz oração?

«Só se aprende a orar, *orando*. É verdade! Só orando, só começando a exercitar a alma e o coração na oração, no diálogo com Deus é que se aprende a orar. Não há receita mágica... Não há sequer leis que produzam o seu fruto, caso eu não me decida a começar. Talvez a princípio as coisas pareçam ir mal, pareça que se está a perder tempo, esforço inútil. Mas se não oro, se não começo, se não tento, nunca aprenderei a orar. (...) *Só se aprende a orar, orando*. Por isso, comecemos com generosidade, na certeza que o Senhor virá em nosso auxílio. E como a oração é mais obra de Deus que nossa, peçamos muitas vezes com fé e muita perseverança que o Senhor nos ensine a rezar.»

Dário Pedroso, *Senhor ensina-nos a rezar*, pp. 27-30

2. Um exercício de oração.

- Escolhe um sítio silencioso, onde não sejas importunado e põe-te numa posição de escuta e acolhimento (uma vela acesa pode ajudar). Reserva pelo menos 15 minutos para isto e não interrompas antes de passar esse tempo.
- Procura pacificar-te interiormente, concentrando-te na tua respiração
- Toma consciência que Deus está contigo, te ama e se quer relacionar contigo. Pede-Lhe que te ajude a fazer oração, a dialogar com Ele.
- Vai lendo devagar o texto seguinte – ouve Jesus a dizê-lo para ti, agora; vai dando atenção aos sentimentos que as palavras despertam em ti; responde a Jesus; dialoga com Ele... (Se te distraíres, volta ao exercício novamente, sem recriminações – é normal).

Mateus, 6, 6-8

⁶Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te. ⁷Nas vossas orações, não sejas como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. ⁸Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.

3. Outro exercício de oração – diálogo.

- Seguindo as mesmas preparações do exercício anterior, procura desenvolver um diálogo com Deus a partir do Pai-Nosso.
- Usando os dois textos em paralelo, diz primeiro uma frase a Deus; e, depois, lê a frase correspondente da oração ao lado, procurando escutar Deus a dizer-ta neste momento.
- Sempre que te sentires movido a isso, continua o diálogo: fala e escuta o que Deus te quer dizer.

<i>Pai nosso, que estás no Céu,</i>	Meu filho, que estás na terra, preocupado, tentado, solitário,
santificado seja o teu nome,	<i>Eu conheço perfeitamente o teu nome e pronuncio-o como que santificando-o, porque te amo.</i>
<i>venha o teu Reino;</i>	Não, não estás só, mas habitado por Mim, e juntos construímos este reino de que irás ser herdeiro.
faça-se a tua vontade, como no Céu, assim também na terra.	<i>Alegra-me que faças a Minha vontade, porque a Minha Vontade é que tu sejas feliz, já que a Minha glória é a tua vida.</i>
<i>Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;</i>	Conta sempre comigo e terás o pão para hoje, não te preocupes! Só te peço que saibas repartir com o teu irmão.
perdoa as nossas ofensas,	<i>Sabes que perdoo todas as tuas faltas de amor, antes mesmo de te arrependeres;</i>
<i>como nós perdoámos a quem nos tem ofendido;</i>	por isso te peço que faças o mesmo àqueles que te magoam.
e não nos deixes cair em tentação,	<i>Para que nunca caias em tentação, segura firme a minha mão</i>
<i>mas livra-nos do Mal.</i>	e Eu livrar-te-ei do mal, Meu querido filho.

4. Outro exercício de oração – escrevendo

- Arranja um caderno, ou umas folhas de papel
- Faz as mesmas preparações já indicadas.
- Escolhe um assunto sobre o qual gostarias de dialogar com Deus.
- Começa a escrever um diálogo no papel. Numa linha, o que dizes a Deus; na seguinte, o que Deus te responde (aqui, deixa-te levar pelo te surge, deixa quase a caneta “escrever sozinha”).
- No final, lê o que escreveste.
- Num outro dia, a tua oração pode começar pela leitura deste diálogo escrito e, a partir daí, continuar a conversa (escrevendo, ou não...)

5. Antes da próxima reunião, faz o balanço do que aprendeste sobre a oração – modos de a fazer, coisas que ajudaram mais, descobertas, efeitos na vida... – e partilha isso com o grupo.

DICAS para articular Exame e TPC

- Como foi a qualidade da oração que fiz hoje.
- Como é que a oração influiu neste dia?
- Do que experimentei hoje, há alguma coisa que deveria levar ao diálogo com Deus?

Como Deus me fala

- Deus interessa-se pela minha vida, alerta-me e convida-me, ajuda-me a encontrar o caminho da realização e da felicidade...
- Mas como é que Ele me fala? Não me sussurra ao ouvido!
- Deus fala-me através do que me sugere na oração, dos pensamentos que põe no meu pensamento, como vimos no TPC anterior.
- Mas fala-me também pelos meus estados de espírito, pelos meus movimentos interiores, confirmando, ou questionando, as minhas decisões, escolhas e acções...
- Quando me abro à acção de Deus, isso cria em mim um estado de espírito; quando me fecho, experimento o contrário. S. Inácio chama-lhes *consolação* e *desolação*.
- Este TPC destina-se a compreender o que é consolação e o que é desolação; a aprender a lidar com elas; e a fazer, durante este tempo, o exercício de ver como a consolação e a desolação se vão alternando na minha experiência – perceber como Deus me fala continuamente!

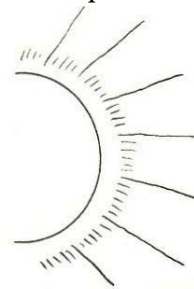
Consolação e desolação

Nos *Exercícios Espirituais*, S. Inácio define-as assim:

[316] Chamo consolação, quando na alma se produz alguma moção interior, com a qual vem a alma a inflamar-se no amor de seu Criador e Senhor; e quando, conseqüentemente, nenhuma coisa criada sobre a face da terra pode amar em si mesma, a não ser no Criador de todas elas. E também, quando derrama lágrimas que a movem ao amor do seu Senhor, quer seja pela dor se seus pecados ou da Paixão de Cristo nosso Senhor, quer por outras coisas directamente ordenadas a seu serviço e louvor. Finalmente, chamo consolação todo o aumento de esperança, fé e caridade e toda a alegria interior que chama e atrai às coisas celestiais e à salvação de sua própria alma, aquietando-a e pacificando-a em seu Criador e Senhor.

[317] Chamo desolação a todo o contrário da consolação, como obscuridade da alma, perturbação, inclinação a coisas baixas e terrenas, inquietação proveniente de várias agitações e tentações que levam a falta de fé, de esperança e de amor; achando-se [a alma] toda preguiçosa, tibia, triste, e como que separada de seu Criador e Senhor. Porque assim como a consolação é contrária à desolação, da mesma maneira os pensamentos que provêm da consolação são contrários aos pensamentos que provêm da desolação.

Para compreender melhor o que é desolação e consolação...



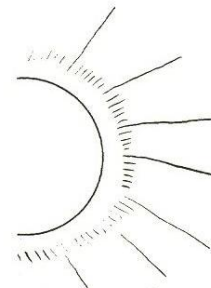
Estou a afastar-me de Deus

*De costas para a Luz do centro
mais verdadeiro de mim*

Estou em desolação



Sombra, escuridão, medo



Estou virado para Deus

*De frente para a Luz do centro
mais verdadeiro de mim*

Estou em consolação



a escuridão para trás de mim

Fecha-nos sobre nós próprios

Afunda-nos na espiral dos nossos sentimentos negativos

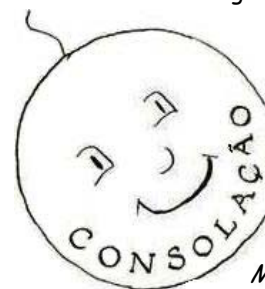
Separa-nos da comunidade

Faz-nos querer desistir das coisas que

costumavam ser importantes para nós

Absorve a nossa mente e não deixa ver ao longe

Esvazia-nos de energia



*Dirige o nosso foco para fora e para
além de nós mesmos*

*Eleva os nossos corações, para vermos as
alegrias e tristezas dos outros*

*Liga-nos mais fortemente à comunidade
Gera nova inspiração e ideias*

*Restaura o equilíbrio e refresca a nossa visão interior
Mostra-nos onde Deus está activo nas nossas vidas e
para onde nos conduz*

Liberta nova energia em nós

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

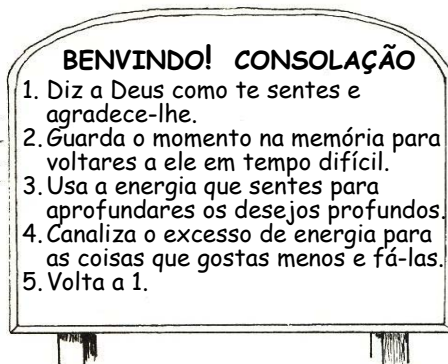
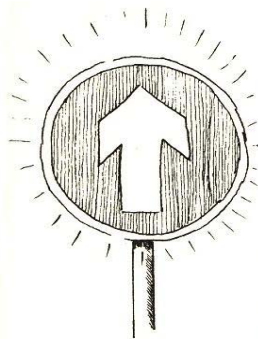
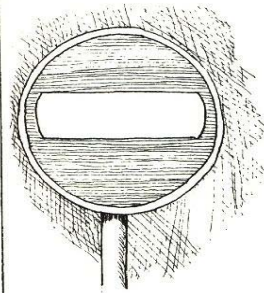
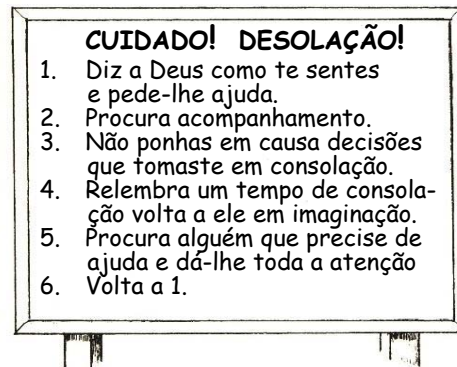
CVX-U

1. Relembro experiências fortes que já tive, tanto de consolação como de desolação.

Procuo perceber melhor como Deus aí me falava, como me conduzia para o bem.

Falo-lhe disso e agradeço-lhe.

- Na consolação, é Deus que me conduz; posso confiar nos meus sentimentos e ideias – deixo-me levar pela consolação.
- Na desolação, sou dominado pelo mau espírito; devo desconfiar dos meus sentimentos e da minha visão das coisas – resisto ao movimento da desolação.



- Consolação e desolação são movimentos, dinâmicas. A desolação é o caminho para Emaús; a consolação, para Jerusalém

Lucas 24, 13-35

¹³Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; ¹⁴e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera. ¹⁵Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; ¹⁶os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. ¹⁷Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. ¹⁸E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!» ¹⁹Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; ²⁰como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. ²¹Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas. ²²É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro de madrugada ²³e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele vivia. ²⁴Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas, a Ele, não o viram.» ²⁵Jesus disse-lhes, então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! ²⁶Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?» ²⁷E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito. ²⁸Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. ²⁹Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.» Entrou para ficar com eles. ³⁰E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. ³¹Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. ³²Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» ³³Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, ³⁴que lhes disseram: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» ³⁵E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão.

2. Que coisas, habitualmente, me põem a caminho de Emaús? E de Jerusalém?

DICAS para articular Exame e TPC

- Que momentos de consolação e de desolação vivi hoje?
- O que os causou? Como lhes respondi?

Fé em Deus: do sentir ao confiar

- Acreditamos em Deus, mas, por vezes, não O encontramos no meio das dificuldades. Parece que desapareceu, não o sentimos.
- Deus nunca nos abandona, mas, na relação com Ele, é natural passar por momentos em que se experimenta a ausência.
- Precisamos de purificar e fazer crescer a nossa fé – a convicção que dá alicerce seguro para apostarmos sempre, sempre, na vida!
- Deus está sempre connosco, mas não podemos reduzir a nossa relação com Ele apenas àquilo que sentimos. A Fé é mais que sentimento!

O que é e o que não é a Fé

«Fé», em hebraico, significa «apoiar-se». É um exercício (é preciso exercitá-la, não é uma coisa estática!) de me entregar confiadamente a Deus, de acreditar que, haja o que houver, não estarei sozinho, que a vida tem um sentido profundo, que os meus anseios hão-de encontrar resposta.

Trata-se de estabelecer **uma relação de confiança**, confiança que me liberta para viver a vida, ajudando-me a superar medos e inseguranças. Porque confio em Deus, adiro ao que Ele me propõe e busco a sua luz para as minhas opções, pois acredito que, em Jesus, me mostra o caminho certo da verdadeira vida.

A base da Fé é a convicção de que **Deus me ama** pessoalmente, a experiência de que a minha vida faz sentido porque sou amado e tenho uma missão que me realizará e fará feliz.

A Fé **implica sempre risco**, dúvidas e inquietações, mas estas não nos devem paralisar. Se fosse completamente transparente já não era fé – era evidência.

A Fé **implica mistério**, mas não é contra a razão. É algo que nos ultrapassa sempre, mas em que nos encontramos cada vez mais e cada vez faz mais sentido a partir do que vamos experimentando.

A Fé **não se confunde com certezas intelectuais**. O essencial dela é uma relação pessoal, uma relação de confiança, que leva a fiar-se e a entregar-se.

Fé **não se mede pelo sentimento**, mas pelo sentido experimentado e a segurança recebida.

Fé **não é um refúgio**, nem fuga, para os momentos difíceis. É, antes, uma relação que nos **desafia** a viver melhor e nos alerta para não desperdiçarmos a vida.

Qual a qualidade da minha Fé

1. **Como está a minha confiança em Deus? Entrego-Lhe o meu dia a dia, o meu cansaço e desgaste, os meus sonhos e os projectos que vou concretizando?**
Penso um pouco em tudo o que se está a passar na minha vida e deixo que Deus me fale sobre o que estou a viver e o modo como o estou a viver.
2. **Quando Deus está ausente, como lido com isso? Como me relaciono com Deus nos momentos em que não o sinto? Confio mais, invisto na busca, ou abandono a oração?**
Rezo a oração “Adora e Confia” e peço a Deus que me ajude a confiar, sobretudo nos momentos de “ausência”.

Adora e Confia

Não te inquietes com as dificuldades da vida,
pelos seus altos e baixos, pelas suas decepções,
pelo seu futuro mais ou menos sombrio.
Quer o que Deus quer.
Oferece-lhe, no meio das inquietações e dificuldades,
o sacrifício da tua alma simples,
que aceita os designios da sua providência.
Pouco importa que te consideres um frustrado,
se Deus te considera plenamente realizado, a seu gosto.
Perde-te, confiando cegamente nesse Deus que te quer
e que chegará até ti, mesmo que nunca o vejas.
Pensa que estás nas suas mãos,
tanto mais seguro, quanto mais decaído e triste te encontrares.
Vive feliz. Vive em paz.
Que nada seja capaz de tirar-te a paz.
Nem o teu cansaço. Nem as tuas falhas.
E no fundo do teu coração
coloca tudo aquilo que te enche de paz.
Por isso, quanto te sentires desanimado e triste,
Adora e Confia.

Teilhard de Chardin

Os toques de Deus

- Deus parece, às vezes, estar ausente na nossa experiência, distante...
- Mas Ele está sempre presente e faz-se notar muitas vezes: algumas, de forma indubitável, com grandes efeitos até na minha sensibilidade (são claros toques de Deus); a maior parte delas, no entanto, de forma discreta. Para que estas mensagens de Deus não passem despercebidas, é preciso estar atento para O reconhecer.
- Se estamos só à espera dos «grandes toques», desperdiçamos muito do que Deus nos fala, tomamos por ausência o que é apenas uma presença discreta, mas activa.
- A marca distintiva da acção de Deus em mim (consolação) não está nos efeitos na minha sensibilidade. Mas, sim, no facto de que o acontecimento ou a experiência me ajuda a crescer na confiança (fé), na abertura e serviço aos outros (caridade) e na capacidade de acreditar que a vida vale a pena, de acreditar que, apesar de todas as dificuldades, é possível viver com sentido cada situação (esperança). O aumento de fé, caridade e esperança – que traz consigo a paz – isso é que é o essencial do rasto de Deus.
- Há, assim, um segredo para encontrar Deus sempre, em tudo o que acontece

O segredo? O segredo é deixar de classificar o que acontece na tua vida, por dentro e por fora, como agradável ou desagradável, um desastre ou uma sorte, bom ou mau. O segredo é parar e perguntar:

- Senhor que me podes dizer com esta situação?
- Como posso crescer neste momento?
- Que posso aprender com esta morte ou aquele nascimento?
- Como posso aproveitar esta situação para me abrir mais aos outros?
- Como posso encontrar-te exactamente neste momento em que não te sinto, em que parece estar tão distante?

E ainda mais um segredo: não te compares. Os exemplos dos outros ajudam, estimulam, mas Deus toca-te de um modo pessoal, único e irrepetível.

(adaptado de

Vasco Pinto de Magalhães, "Prefácio" ao livro *Ele tocou-me* de John Powel, sj)

3. Relembro alguns «grandes toques» de Deus que me ficaram gravados. E procuro presenças mais discretas, que não reparei que eram de Deus, mas me fizeram crescer em fé, caridade e esperança.

- O exemplo de Elias ajuda-nos a aprender a esperar Deus na "ausência" e a interpretar bem os modos como Ele se manifesta na nossa vida:

1 Reis 19, 8-13

⁸Elias levantou-se, comeu e bebeu; reconfortado com aquela comida, andou quarenta dias e quarenta noites, até chegar ao Horeb, o monte de Deus.

⁹Tendo chegado ao Horeb, Elias passou a noite numa caverna, onde lhe foi dirigida a palavra do Senhor: «Que fazes aí, Elias?» ¹⁰Ele respondeu: «Estou a arder de zelo pelo Senhor, o Deus do universo, porque os filhos de Israel abandonaram a tua aliança, derrubaram os teus altares e assassinaram os teus profetas. Só eu escapei; mas também a mim me querem matar!» ¹¹O Senhor disse-lhe então: «Sai e mantém-te neste monte, na presença do Senhor; eis que o Senhor vai passar.» Nesse momento, passou diante do Senhor um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos diante do Senhor; mas o Senhor não se encontrava no vento. Depois do vento, tremeu a terra. ¹²Passou o tremor de terra e ateou-se um fogo; mas nem no fogo se encontrava o Senhor. Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma brisa suave. ¹³Ao ouvi-lo, Elias cobriu o rosto com um manto, saiu e pôs-se à entrada da caverna. Disse-lhe, então, uma voz: «Que fazes aqui, Elias?»

DICAS para articular Exame e TPC

- Como reconheço a presença de Deus na minha vida durante o dia de hoje? Houve grandes toques? Notei os efeitos de uma presença discreta? Houve ausência?
- O que causou cada um destes momentos? Como lhes respondi?

Os meus desejos

- É nos nossos desejos que Deus mais nos fala: são uma forma de Deus partilhar connosco o sonho que tem para a nossa vida; é a maneira de nos chamar para mais, de nos querer fazer crescer, de nos convidar a transcendermo-nos, para nos irmos aproximando da Transcendência.

Considera a seguinte fábula

A Águia Real

Um homem encontrou um ovo de águia.
Levou-o, e colocou-o no ninho de uma galinha, numa capoeira.
A águiazinha nasceu e foi criada junto com uma ninhada de pintos.

Durante toda a sua vida a águia fez o que faziam os pintos, pensando que era um pinto.

Escavava a terra em busca de grãos de milho e minhocas, piando e cacarejando.

Até sacudia as asas e voava apenas uns metros pelo ar, tal como os outros.

Afinal não é assim que voam as galinhas?

Passaram dois anos e a águia tornou-se mais velha.
Um dia, avistou por cima dela, num céu límpido, uma magnífica ave que flutuava elegante e majestosamente entre as correntes de ar, quase sem mover as suas poderosas asas douradas.

A velha águia olhava maravilhada para cima:
“Que é aquilo?”, perguntou a uma galinha que estava junto dela.

“É a águia, a rainha das aves”, respondeu a galinha.
“Mas não penses nisso, tu e eu somos diferentes dela”.

Assim a águia não voltou a pensar nisso.
E morreu pensando que era uma galinha de capoeira.

- Desejos não são as coisas que me apeteçam, mas aquilo que verdadeiramente quero, no mais fundo de mim de mim mesmo, o que gostaria de ser capaz de alcançar e entrevejo que me realizaria plenamente.
- São os nossos desejos que melhor nos dizem quem somos, porque nós somos projecto, liberdade que se vai construindo – guiados pelos nossos desejos que nos revelam o que podemos e queremos vir a ser.

Escuta o Papa João Paulo II

É próprio da condição humana e, particularmente, da juventude buscar o Absoluto, o sentido e a plenitude da existência.

Amados jovens,

não vos contenteis com nada menos do que os mais altos ideais!

Não vos deixeis desanimar por aqueles que, desiludidos da vida, se tornaram surdos aos anseios mais profundos e autênticos dos seus corações.

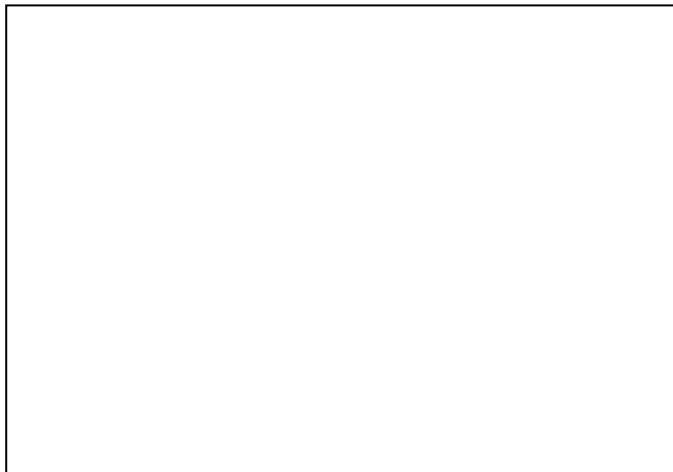
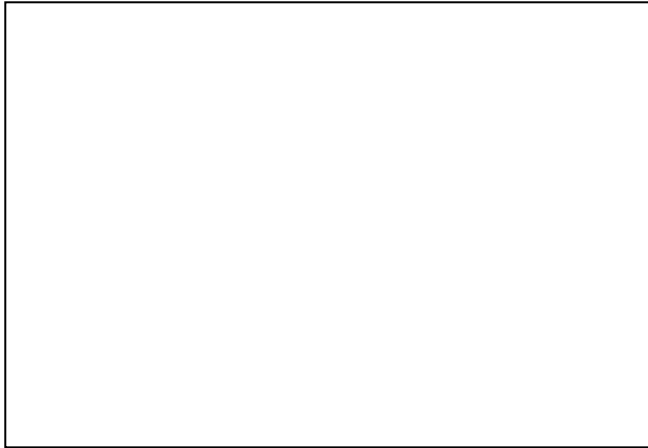
Tendes razão para não vos resignardes com diversões insípidas, modas passageiras e projectos redutivos.

Se mantiverdes com ardor os vossos anelos pelo Senhor, sabereis evitar a mediocridade e o conformismo, tão espalhados na nossa sociedade.

Papa João Paulo II, Mensagem para a Jornada Mundial da Juventude, 2001

1. **Medita sobre “os anseios mais profundos e autênticos do teu coração”, onde Deus te fala, versus “modas passageiras e projectos redutivos”.**

2. Anota as situações da tua vida em que voas/podes voar como uma águia e as situações em que cacarejas como uma galinha. Como é que Deus se faz presente em cada uma destas situações?



3. Jesus diz-nos "onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração" Reza alguns aspectos dos seguintes textos bíblicos, confronta-os com os teus desejos.

O homem rico (Mc 10,17-22) - ¹⁷Quando se punha a caminho, alguém correu para Ele e ajoelhou-se, perguntando: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?» ¹⁸Jesus disse: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. ¹⁹Sabes os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra teu pai e tua mãe.» ²⁰Ele respondeu: «Mestre, tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude.» ²¹Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele e disse: «Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.» ²²Mas, ao ouvir tais palavras, ficou de semblante anuviado e retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens.

O tesouro e a pérola (Mt 13,44-46) - ⁴⁴«O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. ⁴⁵O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. ⁴⁶Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola.»

4. Imagina-te hoje na situação destes discípulos: como responderias a Jesus?

Os primeiros discípulos (Jo 1, 35-38) ³⁵No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. ³⁶Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» ³⁷Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. ³⁸Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que buscais?»

DICAS para articular Exame e TPC

- Que desejos me moveram hoje?
- Fui fiel a altos ideais, ou deixem-me resvalar para o conformismo e a mediocridade?
- Que desafio identifico para o dia de amanhã que me pode fazer voar mais alto?

Vocação e vontade de Deus: Quem sou eu? Qual é a minha missão no mundo?

Objectivos:

- Clarificar conceitos, compreender do que se trata e afastar medos.
- Confiar mais em Deus: Deus não deseja senão o que é o melhor para mim; não é adversário da minha maior realização, mas aliado.
- Determinar-me a considerar seriamente a questão da minha vocação, sem pressas, buscando com liberdade e esperando o tempo certo – querer perceber e escolher a minha vocação!

O que está em jogo:

- Descobrir quem sou (isto é, tudo o que posso vir a ser), acertar com esse eu nas minhas escolhas mais importantes – **identidade**.
- Aplicar os meus talentos na forma que mais me realiza, onde presto o maior serviço à Igreja e ao mundo, dando a maior glória a Deus – **missão**.

acertar e comprometer-me com a pessoa que eu sou

A Vocação e a Vontade de Deus

Deus escreve e imprime a sua vontade, o seu chamamento nos nossos corações. Podemos começar por dar a seguinte “definição”:

vontade de Deus, para mim, é aquilo que eu, no fundo quero; à luz do Espírito Santo; depois de tirados os obstáculos.

1. Faça primeiro umas observações para situar bem, e depois a explicação desta frase:

a) Não se trata aqui da vontade de Deus em geral. Essa é que todos os homens se salvem, que o Reino cresça, que Jesus Cristo seja conhecido e amado... isto é: o Evangelho!

b) Não se trata também da vontade de Deus para mim, em sentido genérico. Essa é que eu me realize segundo o Evangelho, que seja fiel a mim próprio, aos meus talentos e a Deus que me chama... Trata-se de ver como sei qual é o meu chamamento específico, a minha vocação, a resposta evangélica que devo dar a cada solicitação.

c) Também não se pode entender vontade de Deus como algo estático, predefinido, uma frase escrita “atrás de uma nuvem” que eu, com sorte, vou descobrir. Trata-te, sim, de uma realidade dinâmica que vai ganhando corpo em mim, de uma história de amizade que se vai concretizando e ganhando contornos e purificando ao longo da caminhada.

2. Vejamos então, pelo lado positivo, a tal definição:

a) *Aquilo que eu, no fundo, quero...* É o que eu quero e não o que me apetece. O apetece é sensível e nem sequer está de acordo com a vontade profunda. Não me apetece trabalhar, por exemplo, mas no fundo eu sei que devo e desejo cumprir esta obrigação... É no profundo do nosso coração que podemos “ouvir a voz” do Espírito. O próprio Jesus experimentou isto na Agonia: Pai não se faça o que “quero” (=apetece), mas Eu quero o que Tu queres (faça-se a tua vontade). E S. Paulo dizia: não faço o bem que quero, mas aquilo que não quero (Rom. 7, 20): há uma divisão nos meus membros! É pois preciso libertar o nosso querer que está dominado (afogado) nos apetececeres, medos, paixões, atracções imediatas...

b) *...à luz do Espírito Santo...* Porque o querer move-se sempre sob alguma luz, algo que o atrai. É a questão das motivações e dos objectivos. A vontade de Deus não é o meu querer motivado (iluminado) só pela ciência, ou a psicologia, ou a sociologia, etc., a apresentar-me o que é bem nesses campos. A vontade busca sempre um bem, e aqui é o bem que o Evangelho apresenta como “bem para mim” – aquilo que vejo (no fundo) que me identifica com Jesus, com os seus mandamentos e estilo de vida, com a construção do Reino. Esses bens é o Espírito Santo que os mostra e torna atractivos para a pessoa. Trata-se, pois, de se deixar mover pelo espírito de Deus e não por outros espíritos.

c) *...depois de tirar os obstáculos.* Obstáculos à acção do Espírito, que vêm de fora: a mentalidade dominante, as pressões sociais, as mais variadas tentações... e vêm de dentro: os medos, os preconceitos, o comodismo – egocentrismo e todas as defesas perante o que pode parecer exigente ou vai pôr em causa o que parece mais fácil e mais feliz. Então há que “descascar a cebola”: ir tirando todas essas capas (e escamas dos nossos olhos) que não nos deixam ver bem e nos prendem e escravizam os nossos egoísmos e apetececeres. Quando começo a libertar-me disso, então pode vir ao de cima o meu querer que, passado o momento de agitação ou confusão ou medo, encontrará a paz ao identificar-se com o Evangelho, ao assumir e aceitar os movimentos profundos.

Então, a vontade de Deus para mim é que eu colabore com Ele para viver evangelicamente cada momento da minha vida, e a própria orientação a dar à vida. Isto é a **vocação**: **decidir-se por aquilo que Deus mostra como melhor para mim no fundo do meu coração.**

Vasco Pinto de Magalhães

- “Vocação” é o caminho pessoal concreto configurado por um conjunto de opções de vida de vários tipos: estado de vida, carreira profissional, estilo de vida, responsabilidade cívica, serviço eclesial...
- Nela coincidem: a satisfação dos desejos mais profundos que tenho; a concretização do sonho de realização e felicidade que Deus tem para mim; a rentabilização dos meus talentos em proveito dos outros; o meu contributo para a construção dum mundo mais humano; o serviço ao Reino de Deus.

Jesus propõe o caminho mais adequado a cada um...

Chamamento dos primeiros discípulos (Mc 1,16-20) 16Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. 17E disse-lhes Jesus: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.» 18Deixando logo as redes, seguiram-no. 19Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco a consertar as redes, e logo os chamou. 20E eles deixaram no barco seu pai Zebedeu com os assalariados e partiram com Ele.

O possesso de Gerasa (Mc 5,18-20) 18Jesus voltou para o barco e o homem que fora possesso suplicou-lhe que o deixasse andar com Ele. 19Não lho permitiu. Disse-lhe antes: «Vai para tua casa, para junto dos teus, e conta-lhes tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti.» 20Ele retirou-se, começou a apregoar na Decápole o que Jesus fizera por ele, e todos se maravilhavam.

1. **Sinto-me livre na busca da minha vocação, ou tenho medo de alguma opção em particular?**
2. **Quem sou eu? Qual é a minha missão? Que “eu” é que os meus desejos mais profundos configuram? Como me vejo mais “eu” a dar a minha vida no mundo e na Igreja?**
3. **Sou capaz de perguntar a Deus: “Senhor, o que queres que eu faça com a minha vida?”**
4. **Imagina que recebes de Deus uma mensagem sobre a tua vida, contando o sonho que Ele tem para ti: o que diria essa mensagem?**

A CVX é também uma vocação:

Esperamos que todos membros CVX participem na missão de Cristo de acordo com a sua própria vocação e estado de vida na Igreja. “A nossa Comunidade é formada por cristãos: homens e mulheres, adultos e jovens, de todas as condições sociais que desejam seguir Jesus Cristo mais de perto e trabalhar com Ele na construção do Reino e reconhecerem na Comunidade de Vida Cristã a sua particular vocação na Igreja” (Princípios Gerais, 4).

O fundamento da formação e da renovação da CVX é o valor de cada pessoa e a convicção de que cada pessoa tem *uma vocação divina*, que abraça todas as dimensões da sua existência. Deus chama cada um. Ele toma a iniciativa, mas respeita a nossa liberdade pessoal. Cada indivíduo descobre este chamamento quando o escuta e aceita os desejos de Deus. Este chamamento de Deus é uma vocação pessoal, que se revela nas nossas inclinações mais profundas e nos nossos desejos mais autênticos. A nossa resposta livre ao chamamento de Deus é o que dá sentido e dignidade à nossa existência.

Entender a nossa vida pessoal, a nossa família, o nosso trabalho e a vida cívica como uma resposta ao chamamento do Senhor liberta-nos de qualquer inclinação para nos resignarmos perante as situações em que nos encontramos. Leva-nos igualmente a reagir contra o conformismo que procura impor-nos um estado e um estilo de vida. (*Carisma CVX*, 3-5)

O compromisso temporário é a expressão dum desejo de viver segundo o estilo de vida CVX. Este compromisso implica a procura da vocação à qual o Senhor está a chamar a pessoa, e o *discernimento dessa vocação*. (*Carisma CVX*, 177)

Esta etapa é vocacional e, como tal, permanece aberta a diferentes opções. Para um adulto casado, por exemplo, a questão será se é chamado a viver um estilo de vida CVX na vida de casado. Os jovens perguntar-se-ão a que estilo de vida (laical, religiosa ou clerical) são chamados. Um bom número de adultos e jovens sentir-se-ão chamados a viver segundo o estilo de vida CVX. Outros descobrirão que a motivação para aderirem era mais bem de ordem “social” ou afectiva e, reconhecendo que não têm desejo de continuar, procurarão outros modos de pertença à Igreja.

Para os jovens ou adultos que chegam à conclusão que a comunidade responde aos seus desejos mais profundos, esta etapa leva-os a um renovado compromisso com o estilo CVX. (*Carisma CVX*, 181-182)

DICAS para articular Exame e TPC

- Em que momentos deste dia me senti mais eu mesmo? Onde encontrei maior sentido de realização?
- Isso dá-me alguma pista sobre a minha identidade diante de Deus e sobre a minha missão?

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

Eu, Deus e o Mundo: Princípio e Fundamento - I

- Depois de aprofundar o conhecimento de mim mesmo, de procurar conhecer melhor a Deus, de perceber como os meus desejos de realização e felicidade se harmonizam com o sonho de Deus para mim;
- procuro agora uma síntese que me ajude a articular o meu olhar sobre Deus, o meu olhar sobre mim e o meu olhar sobre o mundo numa maneira que unifique cada vez mais todas as dimensões da minha vida, numa experiência de liberdade realizada no meu dia-a-dia.
- Os Exercícios Espirituais de S. Inácio têm esse objectivo: pôr-nos num processo que nos leva a ordenar a vida, identificando e afastando o que é obstáculo, para podermos determinar a nossa vida para a felicidade plena:

todo o modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de tiradas, buscar e achar a vontade divina na disposição da sua vida para a salvação da alma, se chamam exercícios espirituais. (EE 1)

- Para ordenar o que quer que seja, é preciso saber distinguir bem meios de fins e ter uma hierarquia dos fins. O Princípio e Fundamento formula o segredo da ordenação da nossa vida: a sua lógica orienta-me para reconhecer os fins que me definem como criatura amada por Deus, respeitá-los na sua hierarquia certa, e usar os meios apenas como meios e sempre do modo mais adequado para servir os fins – de modo a proporcionarem-me a liberdade para alcançar a felicidade maior.

PRINCÍPIO E FUNDAMENTO

O texto de S. Inácio (EE,23)

Na nossa linguagem

O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado.

Sou criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e mediante isto alcançar a minha felicidade; tudo sobre a face da terra é criado para mim, para me ajudar a alcançar o fim para que sou criado.

1. Para aprofundar a minha consciência vivida, sentida, do amor de Deus por mim, do modo como Ele acompanha a minha vida com solicitude e do desejo que tem de me conduzir à felicidade, medito o Salmo 139:

Senhor, Tu examinaste-me e conheces-me, sabes quando me sento e quando me levanto; à distância conheces os meus pensamentos. Vês-me quando caminho e quando descanso; estás atento a todos os meus passos. Ainda a palavra me não chegou à boca, já Tu, Senhor, a conheces perfeitamente. Tu me envolves por todo o lado e sobre mim colocas a tua mão. É uma sabedoria profunda que não posso compreender; tão sublime que a não posso atingir! Onde é que eu poderia ocultar-me do teu espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se subir aos céus, Tu lá estás; se descer ao mundo dos mortos, ali te encontras. Se voar nas asas da aurora ou for morar nos confins do mar mesmo aí a tua mão há-de guiar-me e a tua direita me sustentará. Se disser: «Talvez as trevas me possam esconder, ou a luz se transforme em noite à minha volta», nem as trevas me ocultariam de ti e a noite seria, para ti, brilhante como o dia. A luz e as trevas seriam a mesma coisa! Tu modelaste as entranhas do meu ser e formaste-me no seio de minha mãe. Dou-te graças por tão espantosas maravilhas; admiráveis são as suas obras. Quando os meus ossos estavam a ser formados, e eu, em segredo, me desenvolvia, tecido nas profundezas da terra, nada disso te era oculto. Os teus olhos viram-me em embrião. Tudo isso estava escrito no teu livro. Todos os meus dias estavam modelados, ainda antes que um só deles existisse. Como são insondáveis, ó Deus, os teus pensamentos! Como é incalculável o seu número! Se os quisesse contar, seriam mais do que a areia; e, se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo. Examina-me, Senhor, e vê o meu coração; põe-me à prova para saber os meus pensamentos. Vê se é errado o meu caminho e guia-me pelo caminho eterno.

2. Sou criado por Deus, permanentemente, em cada momento. Que significa isso para mim?

- Nem eu estou fora do mundo, nem Deus é alheio ao mundo.
- A relação de Deus comigo implica sempre a mediação de “coisas” (coisas materiais, pessoas, relações, acontecimentos...). Não posso querer chegar a Deus isolando-me do mundo, das “coisas”.
- E a minha resposta a Deus passa também pela resposta que dou ao mundo, pelo modo como acolho, uso, me responsabilizo pelas “coisas”
- As “coisas”, o mundo, assim, não são apenas meios para me ajudarem a alcançar o meu fim de realização e de encontro último com Deus,
- são também um apelo para eu, colaborando com Deus, me comprometer na transformação do mundo, na ordenação de todas as coisas para que o mundo cumpra o seu desígnio de estar ao serviço da felicidade de todos os homens e mulheres.
- Deixar-me amar por Deus é também servi-Lo pelo trabalho no mundo visto como colaboração na criação presente de Deus, em favor de todos, especialmente os mais desfavorecidos.
- Mesmo tendo a consciência que não fazemos mais do lançar pequenas sementes, construímos muito pouco – somos contribuidores indispensáveis da obra de Deus!

UM FUTURO QUE NÃO NOS PERTENCE

Ao longo de toda a nossa vida, não contribuimos senão com uma pequena parcela para o empreendimento que é a obra de Deus.

Nada do que começamos ficará completo, nada daquilo a que nos propomos será verdadeiramente terminado por nós, porque o Reino é muito mais vasto, estender-se-á muito para além do espaço curto de uma vida.

Porque nenhuma frase diz tudo o que poderia ser dito.
Nenhuma oração expressa totalmente a nossa fé.
Nenhuma confissão nos libertará para sempre do pecado.

É isto que somos, é disto que somos feitos.
Semeamos as sementes que um dia darão fruto.

Regamos sementes que alguém semeou porque sabemos a promessa de vida que elas guardam em si.
Espalhamos adubo que produz efeitos muito para além das nossas capacidades.

Lançamos alicerces sobre os quais alguém construirá.

Não podemos fazer tudo.

E como é profundamente libertador perceber isso!

Porque perceber que não podemos fazer tudo permite-nos fazer apenas um quase nada, um “algo” pequeno, mas fazê-lo bem.

Um “algo” que é pouco e pequeno, mas possível.

Um gesto incompleto que é um começo, um passo ao longo do caminho e, sobretudo, uma oportunidade para deixar o Espírito Santo fazer o resto.

É essa a diferença entre o arquitecto e o construtor.

Nós somos os construtores, não os arquitectos.

Nós somos ministros, mas não o Messias.

Nós somos apenas profetas de um mundo que não nos pertence.

inspirado em reflexão do Bispo Óscar Romero

3. Como é que eu me vejo como ‘construtor’ em relação ao Arquitecto? Como olho o mundo como colaborador da obra de Deus?
4. Como respondo, numa frase, a estas perguntas: quem sou eu? Qual é o objectivo da minha vida? O que é o mundo para mim?

DICAS para articular Exame e TPC

- Como fiz hoje a experiência de ser amado por Deus?
- Como colaborei com Deus na transformação do mundo?
- Fui fiel aos fins e vivi ordenadamente, usando as coisas como meios?

Conquistar a liberdade: Princípio e Fundamento - II

«Tudo me é permitido», mas nem tudo é conveniente.
«Tudo me é permitido», mas eu não me farei escravo de nada.
1 Coríntios 6, 12

- O objectivo é fazer a experiência da liberdade; mas é preciso construir a liberdade, libertá-la de tudo o que prende, a amarra, a abafa; de tudo o que promete o mesmo que ela, mas é falso, é só aparência...
- Para libertar a minha liberdade tenho que perceber bem quais são os fins por que vale a pena orientar a minha vida e, depois, ser capaz de escolher os melhores meios para chegar a esses fins.
- Ajuda muito cair na conta de tudo aquilo que me prende, que me dificulta a escolha; identificar as coisas diante das quais não sou livre.
- Depois de identificadas estas “faltas de liberdade”, preciso de actuar em favor da liberdade, tenho que fazer-me “indiferente”, ganhar a liberdade perante tudo. O fruto dessa libertação é o equilíbrio – o viver segundo a regra do “tanto-quanto”

PRINCÍPIO E FUNDAMENTO

O texto de S. Inácio (EE,23)

Na nossa linguagem

O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado.

Donde se segue que o homem tanto há-de usar delas quanto o ajudam para o seu fim, e tanto deve deixar-se delas, quanto disso o impedem. Pelo que, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é concedido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe está proibido;

Sou criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e mediante isto alcançar a minha felicidade; tudo sobre a face da terra é criado para mim, para me ajudar a alcançar o fim para que sou criado.

Devo usar das coisas tanto quanto me ajudam a alcançar a minha felicidade e deixá-las tanto quando me dificultam esse objectivo. Para isso, preciso de me tornar indiferente, de ser livre perante tudo, para ser capaz de escolher sem ser dominado por nada;

- Para fazer o diagnóstico do estado da minha liberdade e me ajudar a começar a libertar a minha liberdade, confronto-me com alguns textos do Evangelho:

1. Mt 13, 44-46. *O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola.*

- **Quando se encontra aquilo que se procura nada mais importa. Qual é o meu tesouro, a minha pérola, o que valorizo acima de todas as coisas para minha vida?**

2. Mt 7, 24-27. *Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; ela desmoronou-se, e grande foi a sua ruína.*

- **A felicidade não vem pela acumulação de sempre mais coisas, mas pela capacidade de escolher e guardar apenas as que verdadeiramente realizam e dão alegria. Como é a minha relação às coisas (materiais ou não; também situações, relações, etc.)? Como está a minha liberdade?**

3. Lc 14, 28-30. *Quem dentre vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular a despesa e ver se tem com que a concluir? Não suceda que, depois de assentar os alicerces, não a podendo acabar, todos os que virem comecem a troçar dele, dizendo: 'Este homem começou a construir e não pôde acabar'.*

- Olho para a minha vida, a ocupação do meu tempo, as relações, as coisas que tenho, o que me preocupa, as coisas a que dou atenção, etc., e faço, em todas estas áreas da minha vida, um inventário segundo as categorias:

▷ O que é essencial, indispensável?

▷ O que ajuda ao fim que procuro?

▷ O que pode ser dispensável?

▷ O que atrapalha ou prejudica a busca desse fim?

DICAS para articular Exame e TPC

- Hoje, quando é que me senti livre? E quando me senti amarrado? O que é que me libertou e o que é que me escravizou?
- Como vivi a regra do tanto-quanto?

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

CVX-U

Liberdade para escolher só o melhor: Princípio e Fundamento - III

- a liberdade é para escolher; mas as escolhas têm sempre que ser orientadas por critérios, guiadas para objectivos.
- não basta estar livre (livre *de*); liberto-me *de* é poder estar livre *para* – poder efectivamente escolher o melhor, o que quero mesmo.
- o final do Princípio e Fundamento aponta-nos para um fim essencial, mais importante que tudo o resto, diante do qual tudo se sacrifica, até.

PRINCÍPIO E FUNDAMENTO

O texto de S. Inácio (EE,23)

O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado.

Donde se segue que o homem tanto há-de usar delas quanto o ajudam para o seu fim, e tanto deve deixar-se delas, quanto disso o impedem. Pelo que, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é concedido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe está proibido;

de tal maneira que, da nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida curta, e conseqüentemente em tudo o mais; mas somente desejemos e escolhamos o que mais nos conduz para o fim para que somos criados.

Na nossa linguagem

Sou criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e mediante isto alcançar a minha felicidade; tudo sobre a face da terra é criado para mim, para me ajudar a alcançar o fim para que sou criado.

Devo usar das coisas tanto quanto me ajudam a alcançar a minha felicidade e deixá-las tanto quando me dificultam esse objectivo. Para isso, preciso de me tornar indiferente, de ser livre perante tudo, para ser capaz de escolher sem ser dominado por nada;

de modo que não transforme em absoluto nada que é apenas relativo. Quero somente desejar e escolher, em cada situação, o que mais me ajuda a alcançar a felicidade que desejo, prescindindo de tudo o resto, mesmo de coisas muito boas, mas que não me ajudam tanto.

1. Ler atentamente, reflectir, meditar o texto completo do Princípio e Fundamento, até me certificar que o compreendo bem e que faz todo o sentido para mim.

Alguém que consiga viver perfeitamente segundo o Princípio e Fundamento caracteriza-se pelas seguintes atitudes habituais (indico as 3 que me parecem mais cruciais):

--

--

--

- Para determinar o que é o melhor, é preciso ter os objectivos bem hierarquizados, saber o que se subordina a quê. Para que essa ordenação seja efectiva, preciso de ter um objectivo a que dou indubitavelmente o primeiro lugar e estar motivado para o procurar...

2. Conheço alguém que eu ache que tem as suas prioridades bem ordenadas, segundo a lógica do Princípio e Fundamento, sempre em busca do mais? Onde assenta a capacidade dessa pessoa se manter motivada para grandes objectivos, sempre mais e maiores?

E eu, sou capaz de definir o *objectivo* fundamental da minha vida? A grande ambição que quero realizar à frente de tudo o mais? Há já algo claro na minha vida que me motiva a dar o melhor de mim, a focalizar a minha energia, imaginação e ambição? O que é? Ou, o que poderia ser?

- Alguns instrumentos para fazer o diagnóstico da minha disponibilidade para o mais, do grau da minha liberdade para escolher só o melhor...

3. Quando tenho que fazer escolhas, qual é o critério que mais sigo:

- a. "desde que não seja mau, serve..."
- b. "isto já é bom, chega...(o óptimo é inimigo do bom..., não se pode querer ter tudo...)"
- c. "só o melhor (possível) é suficientemente bom para mim"

4. Atitudes contrárias à busca constante do mais. Em que medida sou afectado por elas?

- rotina
- resignação com a mediocridade
- instalação, comodismo
- aversão ao risco
- medo do desconhecido
- tendência a fazer sempre da mesma maneira
- saudosismo
- ...

Ir continuando a usar os textos evangélicos do TPC 12, lendo-os à luz do Princípio e Fundamento, especialmente a orientação para o mais:

Mt 13, 44-46. *O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola.*

Mt 7, 24-27. *Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; ela desmoronou-se, e grande foi a sua ruína.*

Lc 14, 28-30. *Quem dentre vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular a despesa e ver se tem com que a concluir? Não suceda que, depois de assentar os alicerces, não a podendo acabar, todos os que virem comecem a troçar dele, dizendo: 'Este homem começou a construir e não pôde acabar'.*

DICAS para articular Exame e TPC

- Nas escolhas que tive de fazer hoje, guiei-me pelo critério "do que mais conduz para o fim"?
- Onde falhei na busca do mais? Como me sinto, agora, perante cada uma dessas escolhas? Valeu a pena o «menos que mais»?